



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

23 de maio de 2016

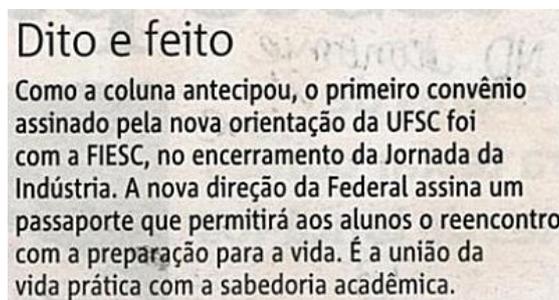
Diário Catarinense
Estela Benetti
"Ônibus elétrico em dezembro"

Ônibus elétrico em dezembro / Florianópolis / Instituto Ideal / Mauro Passos
/ Marcopolo / Caxias do Sul / RS / UFSC / Eletra / Weg / Mercedes /
Trindade / Sapiens Parque / Cachoeira do Bom Jesus



Notícias do Dia
Economia às Claras
"Dito e feito"

Dito e feito / UFSC / Convênio / FIESC



Enfoque Popular

Entrevista

“Governo vai enfrentar as desigualdades regionais de SC”

Governo vai enfrentar as desigualdades regionais de SC / Murilo Flores / UnB / UFV / UFSC / Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina / Epagri / Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina / Fatma / Programa de Desenvolvimento e Redução das Desigualdades Regionais em Santa Catarina / Santa Catarina

Rosália Dors Pessoa/Simplans-SC



Governo vai enfrentar as desigualdades regionais de SC

Secretário de Estado do Planejamento desde 2013, Murilo Flores é engenheiro agrônomo (UnB), mestre em Economia Rural (UFV) e doutor em Sociologia Política, com especialização em Desenvolvimento Sustentável (UFSC). No governo do Estado, já foi presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) e da Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina (Fatma). Atualmente, além do Planejamento, é secretário Executivo do Pacto por Santa Catarina, membro do Grupo Gestor do governo, presidente do Conselho Estadual de Desenvolvimento das Cidades e do Comitê Estadual de Acompanhamento e Controle das Obras Públicas. Ele recebeu a reportagem da Coluna Pelo Estado em seu gabinete para falar sobre o Programa de Desenvolvimento e Redução das Desigualdades Regionais em Santa Catarina, que será lançado na terça-feira (24), em ato no Teatro Pedro Ivo, em Florianópolis. “Se nós fizermos a intervenção nesse momento difícil e o país, daqui a dois ou três anos, começar a ter sinais positivos na economia, essas regiões tendem a estourar, porque teremos feito um trabalho de base.”

[PeloEstado] - Do que se trata esse novo programa?

Murilo Flores - Santa Catarina, diferentemente do que todo mundo pensa, nunca foi um estado igual. Sempre tivemos algumas regiões mais deprimidas economicamente e sempre se olhou para a região do centro do estado, que vai desde o Planalto Norte até São Joaquim, passando por Lages, Videira, Caçador. Essa região sempre foi percebida com menor nível de desenvolvimento em comparação com outras. Nas últimas décadas, o crescimento econômico do estado, que já é o sexto maior PIB (Produto Interno Bruto), acentuou a diferença das regiões mais ricas para as mais pobres.

[PE] - Como se confirma isso?

MF - Algumas regiões têm perdido população! regiões que no período de 2002 a 2012, de quase pleno emprego no Brasil e de pleno emprego em Santa Catarina, algumas dessas regiões não geraram empregos. Perderam população, não geraram empregos e o PIB foi se distanciando dos mais ricos. Se o Estado não tomar providência imediatamente, isso vai se tornar um grande problema para Santa Catarina e aprofundar os problemas já conhecidos: bolsões de pobreza nos grandes centros pela migração para os polos regionais e, depois, os estaduais.

[PE] - Mas existem ações de estímulo ao desenvolvimento...

MF - As ações em favor do desenvolvimento, tanto do poder público quanto da iniciativa privada, podem estar concentrando recursos em regiões já em melhores condições. Quando o governo lança uma linha de financiamento estilo balcão, leva o recurso aquele município com mais organização, mais capital social, mais recursos para a contrapartida. Por exemplo, o Juro Zero do Microempendedor Individual está se con-

centrando nos municípios maiores e mais ricos. Se não fizermos algo diferente, até as políticas públicas vão aprofundar as desigualdades regionais. Não só o poder público. A Fiesc (Federação das Indústrias), a Facisc (Federação das Associações Empresariais) também têm seus programas com vistas ao desenvolvimento econômico, mas aplicam nos municípios que já têm capacidade de resposta. Ou seja, governo e entidades acabam em suas estratégias, piorando um processo que já seria natural por formação da região.

[PE] - O que fazer para reverter esse quadro?

MF - Nós partimos do princípio que esse problema não pode ser resolvido apenas pelo governo, mas pela sociedade como um todo. Todos os atores envolvidos têm que participar da mudança. Em 2015, até o início do segundo semestre, fizemos um profundo diagnóstico dessa situação e estudamos vários indicadores - PIB, PIB *per capita*, IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), IDH Renda, evasão escolar, geração de renda. Construímos o cenário real de Santa Catarina. A partir daí começamos a realizar reuniões internas, com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico Sustentável, a de Turismo, a de Agricultura, entre outras, que têm ações importantes, porém, sem o foco que buscamos agora. Também fizemos reuniões, primeiro em separado e depois em conjunto, com Fiesc, Faesc (Federação da Agricultura e Pecuária), Fetaesc (Federação dos Trabalhadores na Agricultura), Facisc e Sebrae-SC. E apresentamos o mapa da situação real de Santa Catarina, que mostra regiões deprimidas, mesmo tendo municípios com dinâmica econômica.

[PE] - Por isso o tratamento será regional e não por município?

MF - Exato. Usamos o recorte

das ADRs (Agências de Desenvolvimento Regional). Nosso mapa apontou três tipos de municípios: uns mais desenvolvidos, que estão fundamentalmente no litoral, outros em transição, especialmente no Sul e no Oeste, e os menos desenvolvidos, a faixa central do estado, o Norte da região Oeste e, no litoral, a região de Laguna. Temos elencadas, então, as regiões de São Joaquim, Curitibaanos, Quilombo, Canoinhas, Laguna, Dionísio Cerqueira, Campos Novos, Taió, Ituporanga, Caçador, São Lourenço do Oeste e Lages. Com esse desenho, propusemos a todos os atores priorizar essas regiões do ponto de vista da economia. As soluções sociais, como Educação e Saúde, vão decorrer do avanço no eixo central da economia.

[PE] - O que já há de prático?

MF - Um dos parceiros nesse programa é o BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul), que vai disponibilizar uma linha de financiamento, com juros menores e prazos de pagamentos maiores, para empreendimentos nessas regiões. Vinte por cento do orçamento do BRDE serão carimbados para esse programa, para empreendedores locais ou de fora que queiram investir lá, independentemente do porte da empresa. Vamos dar acesso aos recursos e orientar para isso. Não estamos inventando dinheiro novo, mas direcionando o que existe para dinamizar a economia dessas regiões, com respeito às vocações locais.

[PE] - Como fazer dar certo?

MF - Primeiro é preciso entender bem o que se pretende e orquestrar bem essa gama de entidades e órgãos poderosos, independentes e que têm vida própria, mas que estão muito sensíveis ao problema. Depois é necessário o empoderamento local, que passa pela identificação das lideranças, das vocações e do efetivo interesse, além

da mobilização, busca de agregação de valor. É fundamental que as pessoas dessas regiões se apropriem do programa, indiquem as necessidades e as prioridades. A sociedade catarinense, sob coordenação do governo, decidiu enfrentar um problema grave e para isso está colocando à disposição todas as ferramentas disponíveis. Por outro lado, queremos que os protagonistas sejam os atores locais. Se isso não acontecer, o programa não dará certo e em uma década teremos uma situação gravíssima.

[PE] - Qual é a sua expectativa para o programa?

MF - Ele vai crescer ao longo do tempo, com a adesão de outras organizações, que vão se enxergar nele e virão participar, com o lançamento de novas linhas de financiamento. Já vai começar denso, porque reúne governo, Fiesc, Facisc, Fetaesc, Faesc, Sebrae e tem a parceria do BRDE, mas vai crescer. Nesse primeiro momento, estamos criando duas instâncias: um comitê gestor estadual, com reuniões periódicas dos envolvidos, e um núcleo local, com os braços dessas entidades, além de universidades, associações...

[PE] - Lançado o programa, o que se segue?

MF - Vamos criar os comitês, nossa equipe vai para as regiões e construirá, com base nos dados que já temos, os rumos a serem tomados, identificará os setores que podem ser organizados para dar respostas rápidas, como geração de emprego e renda. Tudo isso será organizado no segundo semestre. Esse programa precisa ser assumido pela sociedade porque não pode ser interrompido em 31 de dezembro de 2018, quando acaba o atual governo. Os resultados precisam ser perseguidos pelos próximos 10, 15, 20 anos. De certa forma, vai ser fácil monitorar o impacto dessa intervenção, observando, por

exemplo, os indicadores da Fecam (Federação Catarinense de Municípios), outra importante parceira do programa.

[PE] - O que o governo já faz nas regiões elencadas?

MF - No caso do Pacto por Santa Catarina, por exemplo, temos R\$ 384,3 milhões investidos em obras já concluídas, mais de R\$ 1 bilhão em andamento, outros R\$ 53 milhões em ações ainda por começar e R\$ 164,4 milhões em licitação ou

para licitar. Isso soma mais de R\$ 1,6 bilhão nessas regiões que agora terão ainda maior atenção. Mas se vier um novo Fundam (Fundo de Apoio aos Municípios)? Já estamos conversando com o governador para que sejam separados 20% do volume total de recursos que deverão ser destinados para essas regiões e para intervenções que modifiquem seus indicadores econômicos.

[PE] - Atração de empresas é uma das estratégias?

MF - É, sim, mas sempre cuidando para que o empreendimento gere emprego local, que seja compatível com o mundo onde vai ser instalada. Não queremos que seja uma ilha de desenvolvimento com pobreza em seu redor.

[PE] - É um programa viável nesse momento do país?

MF - Eu diria que é um programa necessário e viável a qualquer tempo, porque existem recursos. Temos é que concentrar o uso desses recursos. E tem uma coisa: se nós fizermos a intervenção nesse momento e o país daqui a dois ou três anos começar a ter sinais positivos na economia, essas regiões tendem a estourar, porque teremos feito um trabalho de base.

Leia a íntegra da entrevista no site centraldediarios.com.br

Enfoque Popular Geral

“Ordem do Mérito Industrial homenageia quatro catarinenses”

Ordem do Mérito Industrial homenageia quatro catarinenses / Florianópolis / Federação das Indústrias de Santa Catarina / Fiesc / Jornada Inovação e Competitividade da Indústria Catarinense / Cecília Ana Rubini Menegotti / Malhas Menegotti / Jaraguá do Sul / Cesar Gomes Júnior / Portobello / Colombo Machado Salles / Ninfo Valtero König / Atrio Hotéis / Joinville / Brusque / TecnoRob / Torneio de Robótica First Lego League / Estados Unidos da América / Troféu Movimento Santa Catarina / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Luis Carlos Cancellier de Olivo / Glauco José Côrte / Jornada de Inovação e Competitividade da Indústria Catarinense / Washington / 4º Congresso Mundial de Qualidade de Vida no Ambiente de Trabalho / Confederação Nacional da Indústria / Michel Temer / Raimundo Colombo

Ordem do Mérito Industrial homenageia quatro catarinenses

Estado

Florianópolis - A sexta-feira foi festiva na Federação das Indústrias (Fiesc). O encerramento da Jornada Inovação e Competitividade da Indústria Catarinense foi marcado pela entrega de outorga da Ordem do Mérito Industrial - que reconheceu a importância para o setor de Cecília Ana Rubini Menegotti (Malhas Menegotti, de Jaraguá do Sul), Cesar Gomes Junior (Portobello, de Florianópolis), Colombo Machado Salles (ex-governador do Estado, de Laguna) e Ninfo Valtero König (Atrio Hotéis, de Joinville) - e do Mérito Sindical, que homenageou sindicatos filiados à Federação há 25, 30, 40 e 50 anos.

Estudantes de Brusque que compõem a equipe TecnoRob, apoiados pelo Sistema Fiesc e que tiveram destaque no Torneio de Robótica First Lego League, nos Estados Unidos, receberam o troféu Movimento Santa Catarina pela Educação. Ao final do evento, foi inaugurado o novo anexo da sede da Federação.

O primeiro ato oficial do dia foi a assinatura do termo de cooperação entre a Fiesc e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O novo reitor da UFSC, Luis Carlos Cancellier, disse que tudo o que for possível fazer será feito no sentido do ensino, da pesquisa, da extensão, da inovação e da sustentabilidade. “A UFSC é parceira do desenvolvimento, da indústria catarinense, da retomada do crescimento.”



O presidente da Fiesc, Glauco José Côrte, comemorou o fato de mais de quatro mil pessoas terem participado da Jornada Inovação e Competitividade e lembrou que no primeiro dia, quarta-feira (18), teve o lançamento da Aliança Saúde e Competitividade, iniciativa inédita no país que pretende promover “ambientes de trabalho mais seguros e favoráveis ao desenvolvimento humano”. No próximo mês, o case será apresentado em Washington (EUA), durante o 4º Congresso Mundial de Qualidade de Vida no Ambiente de Trabalho.

Ao falar sobre o momento do país, Côrte afirmou que o desequilíbrio das contas públicas e a falta de confiança no governo levaram ao recuo da economia. Ele resumiu as 36 diretrizes para a vol-

ta ao crescimento, apresentadas pela Confederação Nacional da Indústria ao presidente interino Michel Temer, em sete linhas de ação: garantir a sustentabilidade fiscal sem o aumento da carga, assegurar a segurança jurídica, ampliar o prazo de recolhimento de tributos, acelerar o processo de concessões, priorizar as exportações, sustar a imposição de novas obrigações acessórias e regularizar as condições de crédito das empresas. “A Fiesc defende medidas capazes de recuperar a credibilidade do governo e a confiança dos investidores. O país não mudará de um dia para o outro, mas é preciso começar”, resumiu.

A última fala coube ao governador Raimundo Colombo que, em um discurso rápido, afirmou que “a lógica política não mudou.

Mudaram as pessoas, o que já é um passo”. Ele defendeu que é preciso enfrentar o déficit público com medidas impopulares como reforma da previdência, regulamentação do direito de greve, definição de idade mínima para a aposentadoria e a modernização das leis trabalhistas.

Para o governador, é uma oportunidade que não se pode perder e por isso é necessário que o Congresso vote as mudanças até julho, em convocação extraordinária, para evitar a paralisação que vem com as eleições municipais. “A crise é mais profunda do que se imagina. O setor público corre o risco de entrar em colapso. É preciso agir com responsabilidade e firmeza para conduzir essas medidas no tempo certo”

Enfoque Popular Política

“Prefeito anuncia que não disputa a reeleição”

Prefeito anuncia que não disputa a reeleição / Araranguá / Sandro Maciel / Joares Godinho Sheffer / Passo de Torres / Curso de Medicina / UFSC

PREFEITO ANUNCIA QUE NÃO DISPUTA A REELEIÇÃO

Um dos nós da eleição de Araranguá foi desfeito na noite de sexta-feira, 20, no Auditório do Colégio Murialdo, durante reunião ampliada do Diretório Municipal. O prefeito Sandro Maciel (PT) anunciou aos petistas que – depois de 5 disputas seguidas em 20 anos, não disputará as eleições de 2 de outubro, e explicou suas razões. Fez balanço do governo, assinalou várias conquistas de seu mandato.

Abre mão especialmente por falta de tempo para a família, e a rotina estressante do cargo, que gerou até problemas de saúde durante o mandato. Maciel é o segundo prefeito a desistir da reeleição, o outro Joares Godinho Sheffer (PSD), de Passo de Torres, alegou que a política acaba “destruindo as relações com a família” e caiu fora. No viés político, pesa a situação atual do PT nacional, que, queiram ou não os petistas, deverá ser muito sentida no embate eleitoral que se aproxima.

Sandro tem vitórias importantes que poderiam ser suficientes para que ele tentasse se reeleger, como os investimentos em Educação (fez escolas novas e refor-



mou outras, conquistou creches); ajudou na conquista do curso de medicina da UFSC; tirou do papel depois de uma década o estacionamento rotativo; conseguiu operacionalizar a UPA, que nem Criciúma e Tubarão conseguiram; fez a pavimentação em frente ao Centro Cultural Célia Belizário de Souza, outra obra aguarda há mais de uma década; fez o enfrentamento na questão do alagamento da esquina do mesmo Célia; fez pavimentação no interior, como a da Vila Santa Catarina em direção a Praia da Caçamba, no acesso Sul; valorizou como nunca os servidores públicos; estendeu a rede de água até o

interior, entre outras coisas.

Mesmo assim, preferiu ser realista, ter os pés no chão. Sabe que o momento não é favorável a sua candidatura, nem ao PT. No dito popular “um passo atrás, é um passo à frente”. Sua gestão recebeu muitas críticas ao longo do tempo, especialmente pelo excesso de indicações políticas.

Sandro escolheu se focar na conclusão de seu mandato, já que o quadro atual é muito negativo do ponto de vista financeiro. Se estivesse na eleição poderia se descuidar e comprometer ainda mais a situação. Vai ficar nos bastidores, deverá ser o principal articulador político do grupo.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Estudantes denunciam frequência de roubos e assédio nos arredores da UFSC em Joinville

Mais cultura através do Projeto Cinema Mundo

Indústria está pronta para restaurar as condições necessárias ao crescimento, diz Côrte

Vestibular de Inverno da Udesc divulga locais de prova e inicia prazo para candidato corrigir dados

Mário Motta: termina amanhã o Circuito FAM 2016 após 80 sessões

Ação em sentido material ainda existe em nosso sistema? (parte 2)

Biblioteca Pública de SC dispõe de livros do Vestibular 2017 da UFSC

Mais cultura através do Projeto Cinema Mundo

Projeto Amanhecer da UFSC abre inscrições para atividades terapêuticas gratuitas

UFSC celebra 50 anos da Fundação de Ensino e Engenharia de Santa Catarina

Cantora Lilian traz turnê Motivo para Santa Catarina

MPC alega que SC não aplica 25% da arrecadação na educação há 15 anos

Mais de 9,2 milhões se inscreveram no Enem 2016

Fique ligado

Biblioteca Pública de SC dispõe de livros do Vestibular 2017 da UFSC